

Produção das indústrias brasileira e gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003: retração à vista*

Silvia Horst Campos**
Maria Lucrécia Calandro**

Economista da FEE e Professora da PUCRS.
Economista da FEE e Professora da PUCRS.

Resumo

O comportamento da produção física da indústria brasileira no primeiro quadrimestre de 2003 mostra uma clara retração da atividade manufatureira. Esse desempenho resulta da contração do mercado interno, ocasionada pelos juros elevados e pela queda na massa salarial. A contribuição positiva vem sendo dada pela agroindústria e pelos segmentos industriais voltados para o setor externo. A redução no nível de atividade produtiva também pode ser observada nos resultados regionais: a indústria gaúcha vem registrando desaquecimento no ritmo de crescimento, uma vez que os focos dinâmicos inerentes à atividade industrial regional estão perdendo dinamicidade, contagiados pela perda de rentabilidade das exportações em razão da valorização cambial e pelo contexto de estagnação econômica que se instalou nos Estados Unidos, na Europa e no Japão.

Palavras-chave

Indústria brasileira; indústria gaúcha; conjuntura industrial.

* Este texto foi elaborado com informações obtidas até 30.06.03.

** As autoras agradecem à colega Clarisse Chiappini Castilhos pelos comentários e sugestões efetuados à versão preliminar do texto, bem como ao estagiário Cristiano Ponzoni Ghinis pelo apoio técnico.

Abstract

The behavior of the physical production of the Brazilian industry in the first quarter of 2003 shows a clear deceleration trend in the industrial activity. That performance results from the contraction of the internal market, caused by the existing high interest rates levels, and by the fall in the real wages amount in the economy. The positive contribution is being provided by the segments related to agribusiness and industrial sectors directed to the external sector. The reduction in the level of productive activity can also be observed in the regional results: The industry of Rio Grande do Sul keeps reporting falls in the rhythm of growth, since the dynamic points inherent to the regional industrial activity are losing dynamicity, due to the loss of exports rentability, on account of the exchange valorization, and to the economic context of stagnation installed in USA, Europe and Japan.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 09.07.03.**

A recuperação dos indicadores do nível de atividade econômica no final de 2001 incentivou a realização de projeções de retomada da trajetória de expansão da produção industrial brasileira em 2002. Os primeiros resultados confirmaram essas expectativas ao mostrar uma expansão ainda que moderada da atividade fabril ao longo do primeiro quadrimestre daquele ano. Essa recuperação, no entanto, foi perdendo fôlego à medida que se agravavam as condições internacionais e aumentava a vulnerabilidade externa da economia brasileira. “O baixo dinamismo dos países centrais, os escândalos financeiros nas corporações americanas e a desvalorização das ações nos Estados Unidos afetaram a confiança do mercado financeiro internacional e induziram um movimento generalizado de contração do financiamento externo da economia brasileira.” (Indic. DIESP, 2003, p.13).

Às perturbações geradas pelo ambiente externo somaram-se as incertezas quanto aos rumos da política econômica a ser adotada pelo Presidente eleito, caso a eleição fosse vencida pelo candidato da oposição. Dessa combinação de fatores, surgiram contínuas e persistentes pressões sobre a taxa de câmbio e sobre os preços internos, forçando o Governo brasileiro a fechar um novo acordo com o FMI e a implementar um novo pacote de medidas de políticas fiscal e monetária restritivas para conter o aumento de preços.

Em um contexto de instabilidade interna e de retração do fluxo de investimento dos países centrais para os emergentes, observaram-se queda na massa salarial e, conseqüentemente, retração do consumo doméstico, além da estagnação dos investimentos produtivos e retração dos gastos públicos.

Realizadas as eleições e conhecidos os futuros condutores da política econômica, houve uma melhora significativa nas expectativas dos agentes econômicos. A produção física industrial manteve a trajetória de crescimento desenhada no segundo semestre do ano, porém o resultado anual ficou bem abaixo das expectativas (2,3%). O PIB brasileiro cresceu a uma taxa modesta, apenas 1,5%, devido ao bom desempenho da agropecuária (5,8%), enquanto os setores industrial e serviços apresentaram taxa de crescimento pouco expressiva, de apenas 1,5% cada um (B. Conj., 2003, p. 60).

Neste artigo, busca-se examinar o comportamento das indústrias brasileira e gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003, seus constrangimentos e possibilidades de expansão. Inicialmente, serão examinados os condicionantes de crescimento face a um contexto econômico restritivo, para, em seqüência, proceder-se à análise dos indicadores referentes ao nível de atividade da produção física industrial. Por último, efetuam-se algumas considerações a respeito do comportamento futuro da indústria.

Condicionantes internos e externos do crescimento econômico

A continuação das pressões inflacionárias causadas pela desvalorização cambial e pelo aumento dos preços administrados, demandando uma política monetária apertada, balizou as previsões de desempenho da economia nacional para 2003. Isto porque, para cumprir a meta de inflação estipulada no regime de metas, o principal instrumento é a taxa de juros. Nesse sentido, o Banco Central determinou, nos dois primeiros meses do ano, novos aumentos nos juros e no compulsório sobre os depósitos à vista: a taxa de juros foi elevada de 25% para 25,5% e, depois, para 26,5%.¹ A manutenção dos juros em um patamar elevado tem como conseqüência contrações sucessivas na demanda interna e queda no nível de emprego.

¹ A esse respeito, ver texto sobre o comportamento da política monetária em 2003 publicado neste número da revista **Indicadores Econômicos FEE**.

Dessa forma, as perspectivas para o ano em curso não permitem apostar em taxas muito superiores às registradas em 2002, ou seja, mantidas as restrições ao crescimento, o dinamismo da economia deverá continuar sendo dado pela agroindústria e pelos demais segmentos industriais voltados para o setor externo.² Porém a expansão da oferta assentada nesses dois pilares deverá resultar em taxas de crescimento inferiores às observadas em 2002, devido, sobretudo, à dificuldade de ampliar a produção, visto que os setores exportadores já estão operando próximos do limite máximo de utilização da capacidade instalada, como é o caso dos fabricantes de papel e papelão.

A possibilidade de crescimento em 2003, portanto, está novamente condicionada ao desempenho das exportações, uma vez que as vendas para o mercado interno tendem a permanecer estagnadas nos próximos meses em função da continuidade de políticas monetária e fiscal restritivas. Tais políticas dificultam, ainda, a retomada dos investimentos, necessária para aumentar a capacidade instalada da maioria dos setores industriais. A contribuição do setor externo para o crescimento da produção, no entanto, deverá ser menor, devido especialmente à valorização do real e ao baixo dinamismo do comércio mundial: lenta recuperação norte-americana após a Guerra do Iraque, desaceleração na Europa e recessão no Japão.

A retomada do crescimento econômico e a superação parcial desses constrangimentos passam, necessariamente, pela retomada dos investimentos privados, o que depende não só da redução na taxa de juros e das reformas tributária e previdenciária, mas também de um conjunto de medidas de estímulo ao desenvolvimento industrial. Nesse sentido, a diretoria do BNDES aprovou um conjunto de medidas consubstanciadas nas diretrizes para a atuação do Banco que pretende ser um estímulo para a retomada de uma política de desenvolvimento, uma vez que propõem a inclusão social, a recuperação e o desenvolvimento da infra-estrutura nacional, a modernização e a ampliação da capacidade produtiva e a promoção das exportações. “As ações do BNDES para estimular o crescimento da estrutura produtiva do país visam dar conta de um duplo desafio: aumentar a capacidade de produção da indústria e do setor de serviços, tornando-os mais eficientes e inovadores, além de mais capazes de exportar”. (BNDES, 2003, p. 1).

Serão priorizados financiamentos destinados a setores que operam próximos do limite da capacidade instalada e voltados para o mercado externo, prin-

² O Governo Federal vem adotando medidas de apoio a esses setores mediante a ampliação do crédito e a criação de estímulos à exportação, bem como empreendendo negociações com os países europeus para a retirada de subsídios agrícolas.

principalmente os segmentos de siderurgia, papel e celulose e mineração. Merece destaque, também, os projetos que visem à substituição competitiva de importações, como é o caso da petroquímica e dos eletroeletrônicos. Outro objetivo a ser ressaltado é o de “(...) gerar oportunidades para a criação, crescimento e consolidação de micro, pequenas e médias empresas, inserindo-as em cadeias produtivas regionais ou nacionais através do apoio a arranjos produtivos locais” (BNDES, 2003, p. 2), buscando, com isso, reduzir disparidades regionais e maior inclusão social. O conjunto de medidas será adequado às “(...) prioridades definidas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Externo” (p. 2).

Enquanto a retomada dos investimentos viabilizados por essas medidas não ocorre, as perspectivas de crescimento da produção não são muito favoráveis. Nesse sentido, um pequeno alento foi dado pela redução de meio ponto percentual na taxa de juros em junho e pela sinalização por parte das autoridades monetárias de quedas futuras. Tal resolução foi motivada pela contínua e acentuada retração na demanda interna e favorecida pela queda no nível de preços. Embora essa medida conduza a uma melhoria nas expectativas dos agentes econômicos, os seus efeitos somente redundarão em aumento (provavelmente muito reduzido, se não houver novas reduções na taxa de juros) das vendas internas no final de 2003, isto porque existe um tempo de defasagem entre a medida econômica e seu impacto sobre a atividade produtiva. Além disso, o elevado nível de estoques, formado nos primeiros meses do ano, associado ao aumento dos preços das matérias-primas observado em alguns setores, e ainda não repassado para os produtos finais, indicam baixos níveis de produção e novas pressões inflacionárias no segundo semestre do ano.

Retração da demanda doméstica impede crescimento da produção industrial brasileira

Em de 2002, apesar das dificuldades impostas pelo ambiente externo e pelas incertezas que caracterizaram o período pré-eleitoral, a atividade industrial brasileira, medida pelo índice de produção física do IBGE, assumiu uma trajetória de expansão a partir do segundo semestre do ano. A taxa de crescimento anual de 2,3% alcançada pelo indicador acumulado para a indústria geral (extrativa mineral e de transformação) mostrou uma recuperação em relação a 2001.

Esse desempenho, no entanto, não deverá repetir-se em 2003, conforme mostram os índices calculados para o primeiro quadrimestre do ano em análise.

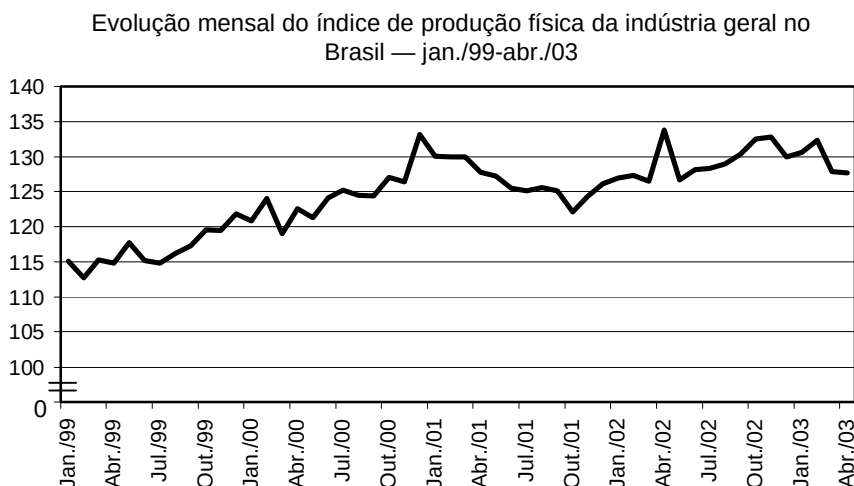
O comportamento do indicador acumulado no ano evidencia a trajetória de queda: em janeiro, 2,63%; de janeiro a fevereiro, 3,30%; de janeiro a março, 2,35%; e, de janeiro a abril, 0,61%. O índice acumulado nos últimos 12 meses só mostra queda no resultado de abril.

A mesma trajetória descendente pode ser comprovada pela análise de outros indicadores do nível de atividade fabril, como é o caso da pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Em que pese os resultados positivos, ainda que pouco significativos, apresentados por todas as variáveis pesquisadas pela Confederação Nacional da Indústria no mês de abril, com destaque para a variável horas trabalhadas na produção, a tendência é de desaceleração da produção. Esse desempenho, contudo, pode ser explicado, em parte, “(...) pela base de comparação deprimida no mês de março, por conta da incidência do carnaval” (Indic. Indust., 2003, p. 1). Esse comportamento não deverá alterar-se nos próximos meses, devido, principalmente, ao elevado nível dos estoques existentes na maioria dos setores industriais e à contração do mercado interno, ocasionada pela renda e pela venda em queda.

O PIB também mostra a retração do nível de atividade econômica: taxa de crescimento de dois pontos percentuais no acumulado jan.-mar./03. O destaque continua sendo a agropecuária, com taxa de crescimento real de 8,6%. O setor industrial teve um crescimento real de 2,9%, e serviços, de 0,8%. Pelo lado da demanda, foram observadas quedas no consumo das famílias (-2,3%) e na formação bruta de capital fixo (-1,5%) no período. Comparado com o último quadrimestre de 2002, o PIB teve uma queda real de 0,1% (taxa dessazonalizada), ocasionada pelo resultado negativo registrado pelo setor industrial (-2,2%). “A agropecuária apresentou um crescimento real dessazonalizado de 3,7% no primeiro trimestre de 2003 contra o trimestre imediatamente anterior. O desempenho do setor serviços ficou estável no período.” (Sin. Econ., 2003, p. 3).

As informações do Gráfico 1 permitem ter uma visão de tendência mais realista, uma vez que descreve a evolução mensal do índice de produção física dessazonalizado de janeiro de 1999 a abril de 2003. Esse período é caracterizado por fases de recuperação da atividade industrial — anos de 1999, 2000 e 2002 — e por fases de queda no ritmo de crescimento — 2001. A análise dos indicadores para o primeiro quadrimestre de 2003 revela nova queda na atividade manufatureira. Esse fraco desempenho decorre, fundamentalmente, da contração da demanda interna ocasionada pelas elevadas taxas de juros e pela queda da massa salarial real, como já foi assinalado anteriormente.

Gráfico 1



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil — número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 1999/2003. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 jun. 2003.

NOTA: Índice de base fixa mensal com ajuste sazonal (base: média de 1991 = 100).

A evolução do indicador acumulado, por categorias de uso, no primeiro quadrimestre dos últimos três anos pode ser examinada na Tabela 1. Os dados mostram que o indicador acumulado no período jan.-abr./03 alcançou um resultado pouco superior ao de 2002, porém bem inferior ao verificado no mesmo período de 2001, ano de expansão acelerada da produção impulsionada pelo bom desempenho da produção de bens de capital e de bens duráveis de consumo. Já em 2002, as taxas foram significativamente menores: o segmento de bens de capital registrou expansão de apenas 0,48% no acumulado do primeiro quadrimestre, taxa explicada, em grande parte, pela elevada base de comparação dos índices. Em 2001, em razão do racionamento de energia elétrica imposto ao País, a produção de bens de capital foi fortemente influenciada pelo segmento produtor de equipamentos de geração e transmissão de energia elétrica, que atingiu picos de produção. No ano seguinte, com o fim do racionamento, a fabricação desses bens retornou aos níveis normais, o que, na ausência de estímulos na demanda de outro produto integrante desse segmento, ocasionou uma contração na produção de bens de capital.

Tabela 1

Taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria,
por categoria de uso, no Brasil — 2001/03

(%)

SEGMENTOS	ACUMULADA JAN-ABR (1)			ACUMULADA EM 12 MESES (2)
	2001	2002	2003	Abr./03
Bens de capital	22,76	0,48	-1,49	-1,65
Bens intermediários	5,26	-0,34	2,71	4,04
Bens de consumo	5,08	0,56	-5,17	-1,19
Duráveis.....	14,73	-3,83	-4,60	2,59
Semiduráveis e não duráveis...	2,41	1,91	-5,34	-2,20
INDÚSTRIA GERAL	7,15	-0,01	0,61	2,49

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 18 jun. 2003.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

A contribuição positiva para o desempenho desse segmento no primeiro quadrimestre de 2003 foi dada pelos fabricantes de máquinas e colheitadeiras agrícolas, que repetiram o desempenho favorável registrado em anos anteriores. Esse resultado é decorrência do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota)³ e, também,

³ O Moderfrota, administrado pelo BNDES, foi criado em março de 2000, com o objetivo de promover a modernização da frota de tratores, colheitadeiras, implementos agrícolas e equipamentos de beneficiamento de café. Produtores com rendimento anual até R\$ 250 mil podiam financiar a compra dessas máquinas a juros equalizados de 8,75% ao ano. Para aqueles com rendimento superior, os juros eram de 10,75% ao ano. O prazo do financiamento era de seis anos para tratores e implementos e de oito anos para colheitadeiras, ambos com carência de 12 meses. Em 27 de fevereiro de 2003, foram alteradas as condições de financiamento: os juros passaram a ser de 9,75% ao ano, incluído o *spread* do agente financeiro de 2,95% ao ano, para os tomadores de recursos com renda agropecuária bruta anual inferior a R\$ 150 mil, com a possibilidade de financiar até 100% do bem. Já para os produtores com renda igual ou superior a R\$ 150 mil, os juros, incluído o *spread*, elevavam-se para 12,75% ao ano, com direito de financiar até 80% do valor da máquina adquirida. Os prazos do financiamento encolheram para cinco anos (tratores) e seis anos (colheitadeiras).

das boas safras agrícolas colhidas nos últimos anos. Embora a continuação desse programa ainda esteja alavancando a produção de máquinas agrícolas, o seu desempenho não foi suficiente para compensar a queda verificada em outros produtos, resultando em uma taxa negativa para o segmento de bens de capital (-1,49%).

O segmento de bens de consumo duráveis, após a boa performance de 2001, vem amargando uma severa redução nas quantidades produzidas, que se aprofunda no primeiro quadrimestre de 2003. Além dos aumentos nos preços das matérias-primas, como aço e componentes eletrônicos, dentre outros produtos, as empresas desse segmento estão sendo atingidas pela queda nos níveis salariais e pelo crescimento do desemprego.⁴

O melhor desempenho na classificação por categorias de uso, nos quatro primeiros meses de 2002 e 2003, ficou com o segmento produtor de bens intermediários, embora com uma taxa pouco expressiva, 2,71%. Nesse segmento, estão concentrados os setores industriais responsáveis pelo dinamismo da indústria brasileira em 2002, que compreendem a fabricação de petróleo, gás e seus derivados, produtos ligados à agroindústria e produtos de exportação e que tendem a repetir esse resultado em 2003 (Calandro; Campos, 2003). O indicador acumulado em 12 meses até abril de 2003 confirma o bom desempenho da produção de bens intermediários.

A análise do desempenho da produção física por classe e gêneros de indústria para o período em estudo (jan.-abr./03) possibilita desagregar um pouco mais essas informações. As informações da Tabela 2 mostram que o indicador acumulado nos quatro primeiros meses do ano percorre uma trajetória descendente, resultante do desempenho negativo de um número crescente de gêneros.⁵

⁴ Os fabricantes de eletrodomésticos (fogão e geladeira) e de áudio e vídeo (TV e aparelho de som) reclamam dos elevados aumentos praticados por fornecedores de matérias-primas. Segundo representante da Associação de Fabricantes de Eletrodomésticos e de Aparelhos de Áudio e Vídeo (Eletros), alguns aumentos podem chegar a 80% em um ano, como é o caso da indústria de embalagens. As empresas defrontam-se, por um lado, com uma pressão de custos e, por outro, com uma demanda em queda (Fernandes, 2003).

⁵ Além de um número crescente de gêneros apresentarem desempenho negativo — sete no acumulado jan.-fev/2003; nove no acumulado do primeiro trimestre; e 10 no primeiro quadrimestre —, observa-se também um aumento da magnitude da queda.

Tabela 2

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por classes e gêneros de indústria, no Brasil — dez./02-abr./03

(%)

CLASSES E GÊNEROS	2002	2003		
	Jan.-Dez.	Jan.-Fev.	Jan.-Mar.	Jan.-Abr.
INDÚSTRIA GERAL	2,30	3,30	2,35	0,61
Indústria extrativa mineral	10,67	5,37	4,83	4,48
Indústria de transformação	1,31	3,02	2,01	0,09
Minerais não-metálicos	-0,73	1,08	-1,80	-4,14
Metalurgia	3,19	8,74	8,34	6,39
Mecânica	8,76	12,26	11,19	10,42
Material elétrico e de comunicações	-11,76	-2,61	-2,32	-5,22
Material de transporte	1,24	10,92	5,49	0,72
Madeira	-2,12	8,16	8,42	5,84
Mobiliário	0,57	-0,27	-7,54	-11,14
Papel e papelão	2,06	3,86	3,62	3,38
Borracha	2,91	6,21	5,67	3,79
Couro e peles	-3,88	11,47	7,92	6,29
Química	1,41	-0,73	0,75	0,95
Farmacêutica	1,80	-9,55	-15,37	-18,19
Perfumaria, sabões e velas	2,40	2,54	-0,39	-2,40
Produtos de matérias plásticas	-1,40	-4,67	-8,65	-12,05
Têxtil	-0,76	-4,86	-5,69	-8,32
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-3,19	-10,49	-14,86	-18,58
Produtos alimentares	4,17	0,74	0,32	-1,27
Bebidas	0,70	4,04	-0,29	-4,83
Fumo	22,82	7,58	13,92	6,45

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 24 jun. 2003.

NOTA: Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

Dentre os gêneros que registraram as maiores taxas de crescimento negativas, destacam-se vestuário, calçados e artefatos de tecido (-18,58%), farmacêuticos (-18,19%), produtos de matérias plásticas (-12,05%) e mobiliário (-11,14%), todos fabricantes de produtos altamente dependentes da renda dos consumidores. A indústria têxtil, por exemplo, que concentra suas vendas no mercado interno, já prevê redução da produção e do número de empregos no setor. Dessa forma, não surpreendem as baixas quantidades produzidas.

Dentre os gêneros que tiveram desempenho positivo, o destaque cabe à mecânica, com taxa de 10,42%, impulsionada pela expansão da produção de máquinas e implementos agrícolas, beneficiada pelo Programa Moderfrota, e pelo aumento da renda agrícola resultante da comercialização de safras recordes nos últimos anos.

O gênero material de transporte, também dependente das condições de renda e crédito, vem registrando taxas de crescimento reduzidas, explicadas pelos baixos níveis de produção, muito aquém da capacidade instalada, e pela contração das vendas internas de automóveis e veículos leves. Os impactos da crise argentina e o baixo crescimento do comércio mundial, decorrente, principalmente, da recessão norte-americana, associados à crise energética brasileira e à maior competição vigente no mercado doméstico impactaram negativamente o desempenho da indústria automobilística.

Nos cinco primeiros meses de 2003, a produção de veículos (incluindo veículos leves, caminhões e ônibus) apresentou uma recuperação, com taxas de crescimento 4,1% maiores do que a efetivada em igual período do ano anterior. A melhor taxa foi obtida na produção de caminhões semipesados e pesados, enquanto a fabricação de chassis para ônibus registrou taxa negativa de 2,0%. O escoamento da produção, contudo, vem sendo limitado pela forte contração da demanda interna e pela desaceleração no comércio mundial, resultando em estoques acima do nível desejado pelas montadoras. A queda nas vendas internas de automóveis, porém, vem sendo contrabalançada pelo aumento das exportações, sobretudo de veículos de médio porte. A produção desse tipo de automóveis vem sendo incentivada pela redução tributária ocorrida em agosto de 2002, através da criação de uma terceira faixa de tributação de IPI⁶. A redução da alíquota do imposto ampliou o mercado para esse tipo de veículo e contribuiu para melhorar a competitividade dos veículos médios no mercado internacional (Otoni, 2003).

⁶ Até julho de 2002, havia duas faixas de cobrança do IPI: 9% para automóveis populares e 25% para médios e grandes. A partir de agosto desse ano, os carros médios passaram a ser comercializados com alíquota de 16% (Otoni, 2003).

Indústria brasileira e resultados regionais: a caminho da retração

A redução do ritmo da atividade industrial detectada em nível de Brasil, comprovada nos dados de abril de 2003 (-4,2% na comparação com igual mês do ano passado), também se faz presente na maioria dos estados pesquisados pelo IBGE. Com exceção de Bahia, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, os índices regionais da produção industrial mostraram queda no confronto com igual mês de 2002 (PESQUISA..., 2003a), somando-se a isso, ainda, o aumento, em alguns casos expressivo, do número de desempenhos negativos nesse mês de abril. Cumpre salientar que o fato de haver dois dias úteis a menos em abril de 2003 do que no mesmo mês em 2002 (efeito calendário) não é suficientemente relevante para reverter o quadro das performances.

As taxas de variação dos indicadores acumulados ainda são majoritariamente positivas, porém já mostram os efeitos das pressões negativas do mês de abril. De um modo geral, as variações acumuladas até esse mês, seja no ano ou em 12 meses, pioraram com relação às acumuladas até março, conforme pode ser observado na Tabela 3, sinalizando uma trajetória declinante. A reversão do quadro regional amplamente positivo delineado no final do ano passado e no início de 2003 reflete os problemas que vêm afetando o desempenho da economia brasileira nos últimos meses e que já foram referidos na análise conjuntural da indústria nacional efetuada na primeira parte deste artigo.

A indústria do Espírito Santo continua liderando o desempenho regional em todos os indicadores considerados, favorecida, principalmente, pelos acréscimos na indústria extrativa mineral (produção de petróleo em bruto e gás natural), que também atuam positivamente no Rio de Janeiro, compensando os resultados desfavoráveis da indústria de transformação fluminense. A indústria paranaense também se destaca nas taxas acumuladas, impulsionadas positivamente pelo crescimento dos gêneros mecânica e material elétrico e de comunicações. Os piores desempenhos ocorreram em Santa Catarina (taxas negativas em todos os casos), onde as indústrias do complexo têxtil e de matérias plásticas prosseguem decrescendo, em Minas Gerais (mensal e acumulado no ano), graças a um forte recuo em produtos alimentares, e em São Paulo (mensal e acumulado em 12 meses), refletindo o desaquecimento de vários setores, com destaque para a indústria automobilística.

Tabela 3

Taxa de variação dos indicadores conjunturais da indústria,
por locais pesquisados, no Brasil — jan.-abr./03

(%)

ESTADOS E PAÍS	MENSAL (1)	ACUMULADA NO ANO (2)		ACUMULADA EM 12 MESES (3)	
	Abr.	Jan.-Mar.	Jan.-Abr.	Até Mar.	Até Abr.
Ceará	-5,5	3,4	-0,5	3,7	1,9
Pernambuco	-7,7	-0,3	-1,9	2,1	1,5
Bahia	6,5	-1,5	0,5	-0,6	0,5
Minas Gerais	-6,6	-1,9	-3,1	1,3	0,7
Espírito Santo	17,6	23,2	21,8	19,0	20,3
Rio de Janeiro	-0,2	3,7	2,7	9,9	9,0
São Paulo	-5,3	2,7	0,5	0,3	-0,5
Paraná	-2,5	6,3	3,9	3,4	3,1
Santa Catarina	-10,0	-0,3	-2,9	-2,5	-3,9
Rio Grande do Sul ...	0,9	4,1	3,1	4,9	4,0
Brasil	-4,2	2,5	0,6	3,5	2,5

FONTE: PESQUISA industrial mensal: produção física regional. **Indicadores IBGE**, Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/default.shtm> Acesso em: 18 jun. 2003.

- (1) Os dados têm como base o índice do mesmo mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base o índice acumulado nos 12 meses anteriores = 100.

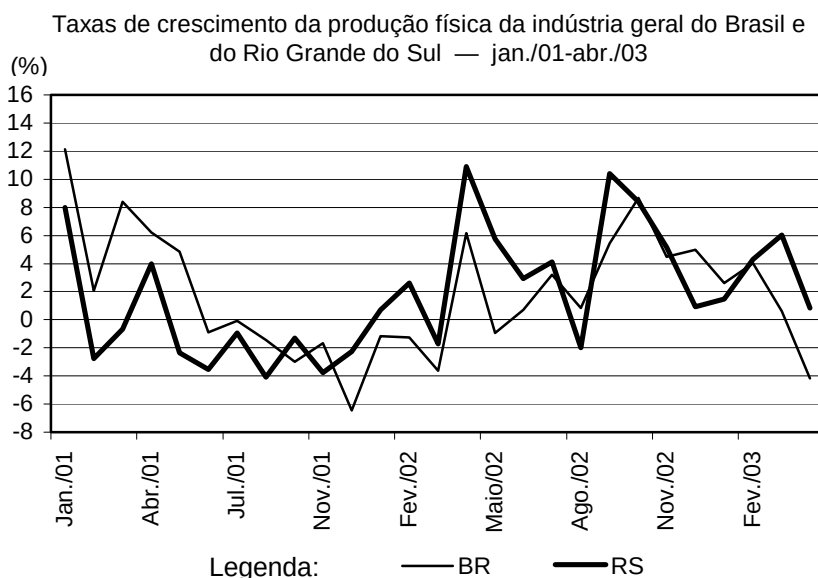
A indústria gaúcha detém o terceiro melhor desempenho em todos os indicadores considerados até abril (respectivamente, 0,9%, 3,1% e 4,0%), situando-se sempre bem acima da média nacional (-4,2%, 0,6% e 2,5%).⁷ A sua expressiva vinculação com a agropecuária, a jusante e a montante, tem lhe garantido taxas de variação positivas, especialmente quando se trata de segmentos cuja produção é, em grande parte, direcionada ao mercado externo. Ou

⁷ Na verdade, o Rio Grande do Sul já ocupou várias vezes o terceiro lugar desde o segundo trimestre do ano passado, beneficiado pela sua estrutura produtiva sensível aos focos dinâmicos positivos do crescimento industrial brasileiro, exceto a indústria extrativa mineral, cuja importância é reduzida no Estado. Essa característica tem-lhe conferido taxas de crescimento frequentemente superiores às da indústria nacional, o que se torna particularmente evidente quando se comparam as taxas anualizadas (indicador acumulado em 12 meses), que passaram a superar as da média brasileira a partir de junho de 2002.

seja, dos três grandes focos de dinamismo que sustentaram a expansão da indústria brasileira a partir de meados de 2002 — setores produtores de petróleo, gás e seus derivados, agroindústria e outros voltados para o mercado externo —, os dois últimos estão presentes no Rio Grande do Sul, sendo representativos na sua matriz industrial. Destacam-se a espetacular expansão da produção de bens de capital para fins agrícolas e o beneficiamento de fumo em folha voltado para o setor externo, dentre outros.

A análise da evolução das taxas de crescimento da produção física da indústria geral (extrativa mineral e de transformação) do Brasil e do Rio Grande do Sul, na comparação mensal (mês/mesmo mês do ano anterior), com base em indicadores calculados pelo IBGE (Gráfico 2), possibilita efetuar algumas considerações relevantes sobre o comportamento do setor industrial.

Gráfico 2



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil e Rio Grande do Sul — número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2001/2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 18 jun. 2003.

NOTA: Os índices têm como base o mesmo mês do ano anterior.

Em primeiro lugar, pode-se destacar a predominância de taxas mensais positivas a partir de maio de 2002, revertendo uma seqüência de resultados desfavoráveis. A partir de então, houve apenas três variações negativas: em maio/02 (BR); em jul./02 (RS); e em abr./03 (BR). Uma segunda observação pertinente refere-se à presença de um número proporcionalmente maior de taxas de crescimento da indústria regional mais elevadas em 2002 e 2003, quando o agronegócio⁸ e a exportação despontaram como a mola propulsora da expansão industrial no Brasil. Um último aspecto a considerar diz respeito aos claros sinais de desaceleração do ritmo de crescimento da atividade fabril brasileira já a partir de novembro de 2002, culminando com uma taxa negativa em abril de 2003, de modo a configurar uma trajetória declinante na produção física industrial nacional. Já a performance da indústria gaúcha nesse período mostra uma situação bem mais favorável. Os sinais de retração aparecem apenas no final do primeiro quadrimestre de 2003.

Agronegócio e exportações sustentam a atividade industrial gaúcha no quadrimestre

A performance positiva da atividade industrial gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003 também pode ser observada na Tabela 4, que apresenta a evolução das variações dos indicadores acumulados no ano e em 12 meses (anualizadas), sempre confrontadas com igual período do ano anterior.

Até abril de 2003, última informação disponível por ocasião da elaboração desta análise, a indústria gaúcha acumulava um crescimento de 3,13% nos primeiros quatro meses do ano e de 3,98% no indicador anualizado, este último representando uma inflexão na trajetória ascendente que vinha sendo construída desde abril de 2002, com um ligeiro recuo no mês de agosto, em larga medida

⁸ O conceito de agronegócio envolve a lavoura e a pecuária, a produção de insumos e de máquinas e implementos para a atividade agropecuária (a montante) e o processamento e a transformação de bens cujos insumos têm base agropecuária, acrescidos da atividade de distribuição (a jusante). Como insumos para a agropecuária destacam-se: sementes; embalagens; adubos, fertilizantes e defensivos; combustível; rações e produtos veterinários. Dentre as atividades de processamento e transformação, salientam-se: madeira e mobiliário de madeira; celulose e papel; calçados de couro; couro e peles; beneficiamento do fumo em folha; abate de animais; indústria de laticínios; fabricação de óleos vegetais; têxtil e vestuário; produtos alimentares em geral. A atividade de distribuição, por sua vez, refere-se a comércio, transporte e armazenagem. No Rio Grande do Sul, o PIB do agronegócio foi estimado em 29,5% do PIB total, com base na Matriz de Insumo-Produto de 1998 desenvolvida pelo NCS-FEE (Maia Neto, 2002).

compensado no mês seguinte. As principais contribuições positivas para a formação da taxa global do período de janeiro a abril vieram dos gêneros mecânica (colhedeiros agrícolas), química (eteno) e fumo (fumo em folha beneficiado). Em sentido contrário, as maiores pressões negativas provieram dos gêneros vestuário, calçados e artefatos de tecidos (botas, sandálias e sapatos femininos), produtos alimentares (abate de aves e suínos) e material de transporte (automóveis e autopeças), todos penalizados pela restrição do crédito e pela diminuição do rendimento real do trabalhador (PESQUISA..., 2003a).

Tabela 4

Taxa acumulada da produção física no Rio Grande do Sul — abr./02-abr./03 (%)

PERÍODOS	ACUMULADA NO ANO (1)	ACUMULADA EM 12 MESES (2)
Até abr./02.....	3,21	-0,62
Até maio/02.....	3,75	0,09
Até jun./02.....	3,61	0,64
Até jul./02.....	3,68	1,14
Até ago./02.....	2,93	1,05
Até set./02.....	3,69	2,18
Até out./02.....	4,17	3,02
Até nov./02.....	4,26	3,77
Até dez./02.....	4,02	4,02
Até jan./03.....	1,46	4,07
Até fev./03.....	2,89	4,20
Até mar./03.....	4,05	4,90
Até abr./03.....	3,13	3,98

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2003
Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 18 jun. 2003.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Tal como o IBGE, os indicadores da atividade industrial referentes ao primeiro quadrimestre de 2003 calculados pela FIERGS mostraram um crescimento de 5,8% na comparação com igual período de 2002 e de 4,1% no acumulado em 12 meses. Esse desempenho favorável foi sustentado pelo crescimento das vendas (7,9%) e compras (19,3%) industriais e das horas trabalhadas na produ-

ção (3,5%), mas freado pela diminuição da massa de salários real e pelo aumento de 2,8% no nível de ociosidade nas empresas (O IDI..., 2003). O aumento na rentabilidade das vendas externas, o clima de relativa estabilidade que se seguiu às eleições presidenciais, as definições quanto às políticas monetária e fiscal a serem adotadas, as estimativas de uma nova safra recorde de grãos e a diminuição do Risco-País, dentre outros fatores, construíram um cenário favorável para a expansão da atividade industrial no final de 2002 e princípio do ano seguinte.

Mais uma vez, mostrou-se evidente, portanto, que o ritmo da atividade industrial gaúcha tem sido sustentado pelas exportações e pelos setores que se vinculam direta ou indiretamente ao agronegócio. De fato, nestes ainda não se manifestam aumentos nos níveis de ociosidade da capacidade instalada, tal como vem ocorrendo naqueles mais dependentes da demanda interna, primordialmente os segmentos produtores de bens não duráveis e semiduráveis (produtos alimentares, bebidas, móveis, vestuário e calçados, automóveis, dentre outros), embora as expectativas de expressivos incrementos de vendas para o mercado externo venham sendo revistas recentemente.

As exportações gaúchas cresceram 32,2% nos primeiros cinco meses de 2003 (o valor exportado passou de US\$ 2,16 bilhões para US\$ 2,85 bilhões) e recolocaram o Rio Grande do Sul no segundo lugar no *ranking* dos estados brasileiros no mês de maio⁹. Observou-se crescimento na maioria dos produtos gaúchos exportados, com destaque para as vendas do complexo soja e de carne suína *in natura*, que aumentaram 240% em relação ao mesmo período de 2002. A rentabilidade das exportações chegou a comprometer o abastecimento de algumas matérias-primas (aço por exemplo) e insumos no mercado interno. O diferencial de preços em favor do mercado externo encorajou o direcionamento da produção para o Exterior, mesmo diante da existência de demanda interna.

O bom desempenho das exportações gaúchas em 2003, também observado em nível nacional, reflete, dentre outros fatores, a recuperação da Argentina, a safra de soja e o efeito estatístico criado pela greve dos auditores da Receita Federal nos meses de abril e maio de 2002 paralelamente à forte desvalorização do real que se fez presente na economia brasileira no segundo semestre de 2002 e cujos efeitos se estenderam até os primeiros meses do ano em curso (RS..., 2003). Por exemplo, muitos contratos de exportação fechados em 2002

⁹ Nos últimos anos, o Rio Grande do Sul tem ocupado o segundo lugar nesse *ranking* a partir do mês de junho, quando ultrapassou o Estado de Minas Gerais, em razão da sazonalidade presente na pauta de exportações gaúcha advinda da elevada representatividade de produtos agroindustriais na pauta de exportações. Em 2003, essa passagem já ocorreu no mês de maio, em grande parte devido ao expressivo aumento das vendas externas do complexo soja e de carnes.

converteram-se em exportações efetivas apenas em 2003. A esse aspecto soma-se, ainda, o fato de ter sido intensificada a conquista de novos mercados e a ampliação de outros já existentes, prática particularmente importante para o Rio Grande do Sul, que necessitava compensar a semiparalisação das vendas para a Argentina, seu segundo principal parceiro comercial em 2000 e 2001.

Considerando o desempenho das exportações em termos de setores industriais, cujo crescimento foi bastante inferior ao do grupo de produtos básicos (20,6% contra 122,7%, considerando os primeiros cinco meses de 2002 e 2003), os maiores crescimentos de vendas em relação ao mesmo período em 2002 foram das indústrias mecânica e de produtos alimentares, ambas com expansão de 44%, e das indústrias de plásticos (75%), fumo e material de transporte. Em termos de produtos, destacam-se as vendas de máquinas agrícolas, grão, farelo e óleo de soja, polietileno, fumo em folha beneficiado e autopeças. A Argentina está contribuindo para esse resultado com a retomada de compras no Exterior em níveis mais significativos, embora ainda se esteja muito longe do volume de negócios atingido em 2000 e 2001. O destino principal, contudo, continua sendo os EUA, com compras no valor de US\$ 765 milhões (RS..., 2003).

A expectativa de que o cenário positivo captado nos primeiros meses de 2003 pudesse se manter até o final do ano, entretanto, já se alterou.¹⁰ De um lado, o encolhimento do mercado interno, comprometendo a produção e o consumo, e, de outro, a perda de rentabilidade das exportações em função do retorno do câmbio para um patamar inferior a R\$/US\$ 3,00, paralelamente ao provável desaquecimento do mercado externo no que se refere às exportações, tendo em vista a estagnação das principais economias mundiais (Estados Unidos, Europa e Japão), principal destino das exportações gaúchas, vêm delineando um quadro marcado pela incerteza quanto às possibilidades de expansão da indústria gaúcha em 2003.

Desempenho segundo os gêneros industriais no Rio Grande do Sul

A análise do comportamento dos gêneros industriais permite uma melhor compreensão e visão dos movimentos de expansão e retração que se processam no interior do setor industrial. Esse tipo de análise permite, também, iden-

¹⁰ Para este ano, a estimativa da FIERGS era de um aumento de, pelo menos, 2% na produção e 4,7% na atividade da indústria gaúcha.

tificar os eventuais pontos de estrangulamento ou focos de dinamismo que afetam a performance do setor como um todo. As taxas de crescimento dos gêneros pesquisados pelo IBGE no Rio Grande do Sul, assim como as do total da indústria de transformação, extrativa mineral e indústria geral, são apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por classes e gêneros da indústria, no RS — 2002/03

(%)

CLASSES E GÊNEROS	ABR/03 (1)	ACUMULADA NO ANO (2)			ACUMULADA NOS ÚLTIMOS 12 MESES (3)
		Jan.- -Abr./02	Jan.- -Dez./02	Jan.- -Abr./03	Até Abr./03
INDÚSTRIA GERAL	0,85	3,21	4,02	3,13	3,98
Indústria extrativa mineral	-3,27	4,55	-1,83	-12,12	-7,20
Indústria de transformação	0,86	3,21	4,03	3,17	4,01
Minerais não-metálicos	-7,06	-8,90	-4,21	3,26	-0,54
Metalurgia	-1,87	-1,08	4,00	5,49	6,12
Mecânica	29,32	15,41	18,36	14,65	17,96
Material elétrico e de comunicações	-5,44	-14,73	0,50	12,47	10,11
Material de transporte	-14,60	21,73	9,65	-2,50	1,34
Madeira	-44,13	-22,08	-20,43	-37,51	-24,49
Mobiliário	-9,09	-4,29	-5,98	-1,16	-5,12
Papel e papelão	59,90	0,76	5,44	12,56	9,24
Borracha	-7,25	-7,17	-5,09	-0,48	-2,84
Couro e peles	15,16	-3,26	5,29	9,81	9,66
Química	7,01	-9,46	-1,02	7,15	4,22
Perfumaria, sabões e velas	-23,31	-26,48	4,80	-1,55	16,60
Produtos de matérias plásticas	-16,75	-2,03	-3,95	-16,40	-8,90
Têxtil	2,94	-6,64	-11,13	-7,99	-11,69
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-18,41	-1,74	-6,98	-13,22	-10,47
Produtos alimentares	-8,66	4,48	1,90	-3,36	-0,58
Bebidas	-17,01	1,60	0,12	-14,02	-6,70
Fumo	0,59	51,11	33,65	9,26	14,51

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2002/2003.
Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 19 jun. 2003.

(1) Índice mensal com base em igual mês do ano anterior. (2) Índice acumulado com base em igual período do ano anterior = 100. (3) Índice acumulado com base nos 12 meses anteriores = 100.

O desempenho da indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003 resultou dos avanços em oito gêneros e dos recuos em outros 10. A magnitude das variações é muito diversificada, não sendo possível extrair um comportamento tendencial dominante. Comparando as taxas acumuladas no ano de janeiro até abril de 2002 e 2003, distinguem-se gêneros que evoluíram de taxas negativas para positivas e vice-versa, que pioraram ou melhoraram o seu desempenho sem que houvesse troca de sinal, ou, ainda, que permaneceram com crescimento relativamente constante. A inclusão das taxas relativas ao acumulado do primeiro quadrimestre de 2002, considerado um período de baixa performance, bem como do ano de 2002 como um todo, tem por objetivo qualificar melhor os resultados do primeiro quadrimestre de 2003. As taxas anualizadas, por sua vez, são indicadoras de tendência. Entretanto, tal como em nível de Brasil, somente com os indicadores de maio e junho e com a melhor definição da política monetária a ser seguida é que será possível identificar realmente a trajetória que deverá ser trilhada pela indústria gaúcha em 2003. Por enquanto, identifica-se um conjunto de evidências que parece revelar uma trajetória de declínio da produção industrial estadual.

Conforme mostrado na Tabela 5, todos os resultados positivos do acumulado no ano 2003 se situam acima da média de 3,13%, mas os mais representativos na estrutura da indústria gaúcha foram: mecânica (14,65%); química (7,15%); fumo (9,26%); e material elétrico e de comunicações (12,47%). Papel e papelão, embora não seja muito representativo na estrutura industrial, merece um destaque em razão da expansão na produção iniciada ainda no ano passado, quando atingiu uma taxa anual de 5,44%. Em abril, foi sua a maior taxa de crescimento, o que também lhe rendeu um dos melhores resultados do quadrimestre. Por sua vez, as principais pressões negativas para a formação da taxa global vieram dos gêneros vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-13,22%); produtos alimentares (-3,36%); bebidas (-14,02%); e madeira (-37,51%). Estes últimos fazem parte do grupo de bens de consumo semi e não duráveis, que vêm sendo mais atingidos pelos efeitos da política econômica restritiva implementada pelo Banco Central.

O cotejo entre as taxas dos dois quadrimestres apresentados na Tabela 5 mostra que houve uma alteração de sinal de alguns dos gêneros destacados, do primeiro quadrimestre de 2002 até o mesmo período em 2003. Assim: material de transporte e produtos alimentares passaram de taxas positivas para negativas; material elétrico e de comunicações, química e metalúrgica, por sua vez, evoluíram positivamente. Alguns gêneros mais representativos, como mecânica, repetiram o seu bom desempenho; outros, tais como vestuário, calçados e artefatos de tecidos e produtos de matérias plásticas, assistiram a uma piora de performance.

De modo geral, o comportamento evolutivo dos gêneros reflete a sua condição de setor exportador, ou não, o fato de ter apostado basicamente no mercado argentino, ou não, e estar vinculado direta ou indiretamente ao agronegócio, ou não. Isto porque os segmentos produtivos que direcionam sua produção primordial ou totalmente para o mercado interno vêm sendo penalizados pela retração da demanda interna. Nos parágrafos seguintes, serão examinados alguns gêneros mais detalhadamente.

A contribuição mais importante para a formação da taxa de crescimento da indústria geral continua sendo dada pelo gênero mecânica, que, no Rio Grande do Sul, é, em grande parte, representado por um expressivo parque produtor de máquinas e implementos agrícolas que responde por cerca de 54% do total produzido no Brasil. Encontram-se aqui no Estado algumas das maiores empresas nacionais e internacionais do setor, produzindo tratores, colheitadeiras, sistemas de armazenagem de grãos e implementos agrícolas variados, direcionando sua produção tanto para o mercado interno como para o externo, produzindo produtos tecnologicamente desenvolvidos e a preços competitivos.

No período jan.-maio/03, a fabricação continuou crescendo, embora as vendas para o mercado interno tenham recuado 3,5% (-2,4% em tratores e -6,5% em colheitadeiras). Com exceção da AGCO, as demais empresas gaúchas registraram diminuição das vendas (Carta da Anfavea, 2003). Esse desempenho negativo é explicado pela falta de recursos do Programa Moderfrota nos primeiros dois meses do ano, em razão do esgotamento antecipado dos recursos destinados ao Programa calculados para atender à demanda do setor até o final do ano-safra 2002/2003. O aporte de recursos, da ordem de R\$ 1,88 bilhão, foi totalmente tomado ainda antes do término do Governo Fernando Henrique, em virtude do clima de incerteza que contagiou os produtores com vistas à continuidade do Programa a juros equalizados com o novo governo. A importância do Programa para a produção e a comercialização de máquinas agrícolas no Brasil é inquestionável. Só no Rio Grande do Sul, cerca de 90% das vendas são efetivadas através dele, e essa realidade tende a se repetir nos demais estados — efeito Moderfrota — (Saueressig, 2003a). A destinação de mais R\$ 800 milhões ao Moderfrota em 27 de fevereiro de 2003, acompanhada de uma redefinição dos limites das faixas de renda anual do produtor e dos juros que seriam cobrados em cada caso,¹¹ acalmou o setor e garantiu a continuidade da sua atividade fabril.

¹¹ A nova sistemática de condições de financiamento no âmbito do Moderfrota já foi esclarecida na nota de rodapé número 3 deste artigo.

De março de 2000, quando foi criado, até fevereiro de 2003, o Programa já recebeu R\$ 5,6 bilhões (R\$ 2,83 bilhões foram destinados à Região Sul), os quais permitiram a renovação de 26,6% da frota de colheitadeiras e de 18,6% da de tratores do País, segundo informou o Presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers) (Saueressig, 2003a). Nas estimativas do Ministério da Agricultura, essa renovação forçou a diminuição da idade média da frota brasileira de tratores, que era de 15 anos, e de colheitadeiras, que chegava aos 18 anos (Neumann, 2003). Ainda segundo o Ministério, entre 2000 e 2002, "(...) 58% dos tratores e 93% das colheitadeiras vendidas foram financiados pelo Moderfrota", que, na opinião do ex-Ministro Delfim Neto, "(...) é um exemplo de um programa de política industrial [...] é um exemplo de como um país pode criar vantagens comparativas" (Neumann, 2003, p. A3). Também são interessantes as considerações de que a arrecadação adicional do IPI sobre tratores e máquinas agrícolas decorrente do aumento da produção dos mesmos está compensando a despesa da União com o Programa.

O bom desempenho do setor de máquinas e implementos agrícolas vem estimulando a realização de novos investimentos no Brasil, "com a produção de equipamentos mais modernos e competitivos, beneficiando toda a cadeia produtiva" (BNDES, 2003a). Mais recentemente, as empresas também começaram a interessar-se por um novo segmento de mercado, formado por pequenos produtores, detentores de uma renda que inviabiliza a compra de equipamentos sofisticados e de grande capacidade de processamento. Em algumas feiras do setor realizadas este ano, já estão sendo lançados modelos mais leves, compactos, menos sofisticados e, em consequência, mais baratos, para atender à demanda dos pequenos produtores.

Além de uma demanda interna crescente, as empresas fabricantes de máquinas e implementos agrícolas vêm direcionando parcela expressiva de sua produção para o mercado externo. Além do câmbio favorável para as exportações (efeito câmbio), o Presidente do Simers lembra que exportar mais é uma estratégia das matrizes estrangeiras para suas fábricas no Brasil, pois a redução de custos de produção conseguida no País torna mais vantajosa a exportação de produtos fabricados aqui para os mercados de origem na Europa e nos Estados Unidos (MÁQUINAS..., 2003). Outro aspecto que vem estimulando a exportação desses produtos é o retorno, mesmo ainda lento, do mercado argentino.

A segunda principal contribuição positiva para a composição da taxa global da indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003 foi dada pela indústria química, em grande parte representada pela indústria petroquímica no Estado. A expansão da produção foi provocada principalmente pela estocagem preventiva efetuada pelas empresas usuárias de resinas termoplásticas, temendo os efei-

tos do conflito no Oriente Médio. Somou-se a esse efeito a lenta recuperação da economia argentina, que está trazendo a reativação do comércio com o Brasil, beneficiando vários segmentos da indústria gaúcha, dentre eles, a petroquímica.

O acompanhamento da evolução da produção do gênero revela uma sucessão de taxas de crescimento negativas nos últimos anos, que só agora vêm sendo revertidas. A retração na produção foi, em grande medida, motivada pela concorrência dos produtos petroquímicos asiáticos, comercializados a preços reduzidos, paralelamente ao aumento expressivo dos preços internos da nafta e às suas conseqüências sobre a cadeia produtiva petroquímica-plásticos. O setor reorganizou-se em busca da redução de custos e, atualmente, posiciona-se favorável à realização de novos investimentos em produtos de maior valor agregado (PETROQUÍMICA..., 2003).

O novo aumento substancial nos preços da tonelada da nafta no mundo e no Brasil, provocado pelo episódio da Guerra do Iraque, fez com que esse insumo atingisse os preços mais elevados em 10 anos,¹² onerando sobremaneira a cadeia petroquímica, mas não comprometeu a recuperação da indústria. Junto com a nafta, elevam-se os preços dos insumos, como eteno e propeno e, por conseqüência, as resinas termoplásticas, o polipropileno e o poliestireno, que são as matérias-primas para a indústria de transformação do plástico. A anunciada redução de 30% no preço da nafta no início de maio possibilitou a recomposição parcial das margens do setor, mas não chegou a ter seus efeitos estendidos aos elos finais da cadeia petroquímica-plásticos, conforme informou o Presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do Rio Grande do Sul (Sinplast-RS). A indústria de produtos de matérias plásticas no Rio Grande do Sul segue apresentando taxas de crescimento da produção negativas, conforme pode ser observado na Tabela 5.

Também merece ser comentada a performance da indústria do fumo no Rio Grande do Sul. As taxas acumuladas ao longo de 2002 foram sempre positivas e geralmente superiores a 30%. Essa situação não se repetiu no primeiro quadrimestre de 2003, até por causa do efeito estatístico criado pela extraordinária expansão de 51,11% nesse mesmo período em 2002, gerando uma base de comparação extremamente elevada.

A evolução da produção desse gênero no Estado reflete, dentre outros fatores, a continuidade de pesados investimentos realizados para o beneficiamento do fumo em folha nas cidades do Vale do Rio Pardo, especialmente Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. A colheita de fumo nos últimos anos-safra tem sido

¹² Em janeiro de 2003, a nafta foi comercializada a US\$ 310 a tonelada, quase o dobro do seu preço no início de 2002, quando valia US\$ 168. Em abril, o preço já havia caído para US\$ 230.

crescente e de boa qualidade. Favorecem o excelente desempenho do setor a redução dos estoques mundiais, para a qual concorreram expressivamente a redução da produção nos Estados Unidos (custos elevados de produção) e no Zimbábue (questões políticas e econômicas), a realização de novos investimentos (ampliação da capacidade de processamento das fábricas já instaladas e implantação de novas empresas, inclusive na área de fabricação de cigarros) e o sistema de produção integrada, um trabalho em parceria com os pequenos produtores implantado pelas empresas.

Da produção total de 600 mil toneladas, o Rio Grande do Sul é responsável por, pelo menos, a metade. Cerca de 85% da produção total é processada nas usinas de beneficiamento do Estado, e 90% das 480 mil toneladas exportadas o são pelo porto de Rio Grande. Em 2002, a Universal Leaf Tabacos, a mais moderna e a maior beneficiadora do produto no mundo, foi a principal empresa exportadora gaúcha, contribuindo com US\$ 350 milhões para a receita de exportação (Saueressig, 2003), havendo investido pesado na ampliação de sua capacidade de processamento do fumo. Além da Universal, destaca-se a fábrica Souza Cruz, empresa que detém o maior complexo de beneficiamento de fumo do mundo, que recentemente inaugurou uma moderna fábrica de cigarros em Cachoeirinha e negocia novos investimentos com o Governo do Estado. Em suma, o setor fumageiro desponta como aquele que tem concentrado os maiores investimentos no Estado, além de contribuir fortemente para a receita cambial. Contudo tanto a produção quanto a exportação poderiam ser ainda bem maiores não fosse a forte concorrência desleal representada pelo contrabando de cigarros presente no setor, que, segundo os profissionais da área, responde por cerca de 30% dos cigarros consumido no Brasil (FUMAGEIRAS..., 2003).

Com desempenho marcadamente desfavorável no primeiro quadrimestre de 2003 e possuindo maior peso na composição do produto industrial, destacam-se vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que experimentou taxas negativas em todas as comparações apresentadas na Tabela 5, e os gêneros produtos alimentares e bebidas, ambos com performance prejudicada em 2003. Em vestuário, calçados e artefatos de tecidos, sobressai a produção de calçados, principal segmento desse gênero no Rio Grande do Sul e cujas dificuldades de expansão no mercado interno e de competitividade no mercado internacional vêm imprimindo uma seqüência de taxas negativas para o gênero.

A indústria calçadista gaúcha responde por 40% do número de empresas fabricantes de calçados no País e é responsável por 52% dos empregos gerados pelo setor também em nível nacional, conforme dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados). Trata-se de uma indústria ainda bastante voltada para o mercado interno, mas que direciona parcela expressiva de sua produção para o Exterior.

Nos primeiros cinco meses de 2003, os fabricantes de calçados gaúchos venderam 57,3 milhões de pares de calçados (64,7% do total exportado) no mercado internacional, no valor de US\$ 463,3 milhões (75,2%), o que representou uma pequena elevação de 4% sobre os cinco primeiros meses de 2002. O principal mercado de destino continua sendo os Estados Unidos, que absorve 70% do produto exportado, ao preço médio de US\$ 10 o par¹³. O segundo mercado é o Reino Unido, com 7%, antes ocupado pela Argentina, que recém volta a ensaiar a retomada das compras de sapatos brasileiros (Abicalçados, 2003).

Apesar do pequeno aumento nos embarques para o Exterior, o desempenho da indústria calçadista gaúcha está sendo afetado pelos sinais de perda de dinamismo da demanda externa decorrente das incertezas em relação ao cenário político e econômico e à relativa estagnação dos principais países importadores, que ainda não voltaram aos seus níveis normais de consumo. Soma-se a isso o efeito câmbio, que traz dificuldades para a rentabilidade do setor. Com os preços dos insumos majorados pela forte elevação do dólar no segundo semestre do ano passado, a comercialização do produto final a preços cotados em dólar em patamar inferior a US\$/R\$ 3,30 acarreta prejuízos para o exportador, segundo informação da Abicalçados (CALÇADISTAS..., 2003), e dificulta a incorporação de maior valor agregado ao produto. Por sua vez, a alternativa do aumento do preço do produto em dólar afetaria a competitividade do sapato brasileiro no mercado internacional.

Os outros dois gêneros destacados pelas suas taxas de crescimento negativas no quadrimestre em análise e que são representativos na estrutura industrial gaúcha, produtos alimentares e bebidas, vêm tendo seu desempenho afetado essencialmente pelo desaquecimento crescente do mercado interno. Os fatores, já conhecidos do leitor, foram examinados na segunda seção deste artigo.

A busca do mercado externo como forma de compensar a retração doméstica encontra limitações inerentes à exportação desse tipo de bem para a qual concorre a imposição de severas exigências fitossanitárias, dentre outras. Ainda assim, alguns segmentos têm logrado bons resultados, tais como o complexo soja e a exportação de carnes *in natura*, principalmente de suínos e aves.

No caso da indústria de bebidas, além dos problemas decorrentes do próprio desaquecimento do mercado interno, o desempenho da indústria tem sido afetado

¹³ Apesar de situar-se aquém do desejado, o preço médio de exportação do produto gaúcho é maior do que aquele comercializado externamente por outros estados, especialmente o Ceará, que ocupa o segundo lugar no *ranking* dos maiores estados exportadores desse produto (Abicalçados, 2003).

por fatores como: redução da exportação de vinhos para o Paraguai e água mineral para o Uruguai; forte redução nas compras por parte das grandes redes comerciais; aumentos excessivos do preço de alguns insumos principais (por exemplo, rolha, garrafa e embalagem de papelão, no caso do segmento produtor de vinhos)¹⁴; concorrência dos produtos importados que respondem por 50% do mercado de vinhos finos; concorrência com fábricas irregulares de refrigerantes; e deficiências na rede de comercialização dos refrigerantes e, principalmente, da cerveja. (VINÍCOLAS..., 2003). Especificamente com relação a este último aspecto, vale ressaltar que a criação de grandes centros regionais de distribuição é ineficaz no atendimento ao elevado número de pontos de vendas de pequeno porte, favorecendo a implantação e o desenvolvimento de cervejarias regionais, mais eficientes no atendimento regional (CERVEJAS..., 2003).

Considerações finais

O comportamento da atividade manufatureira brasileira no primeiro quadrimestre de 2003, avaliado pelo indicador de produção física acumulado no ano, mostra uma clara desaceleração no ritmo de crescimento da atividade fabril. Essa tendência é confirmada pelo indicador acumulado nos últimos 12 meses. Esse desempenho resulta, principalmente, da implementação de uma política monetária restritiva desde o segundo semestre de 2002, que vem acarretando queda nos níveis de emprego, contração da massa salarial, retração no consumo doméstico, sobretudo nos segmentos produtores de bens de consumo, e queda e estagnação nos investimentos produtivos.

A queda nos indicadores de investimentos da indústria e da construção civil, observada desde o início do ano, vem agravando as condições internas, aprofundando a tendência à retração da atividade econômica e dificultando a recuperação esperada na segunda metade do ano. A queda no nível de preços e a redução na taxa de juros, acenada pelas autoridades monetárias, podem contribuir para uma melhora nesse ambiente, porém seus efeitos só começarão a ser sentidos no último trimestre do ano.

Desse modo, o ano 2003 deverá caracterizar-se por uma queda generalizada da produção industrial brasileira. Diversos segmentos responsáveis pelo dinamismo da indústria no Brasil, em 2002, já estão mostrando taxas descendentes de crescimento em 2003, embora se deva ressaltar que a sua performance

¹⁴ A rolha e a garrafa, em particular, têm seus preços vinculados ao dólar.

ainda vem garantindo o registro de taxas positivas, porém modestas, de desempenho do setor industrial em seu conjunto. Parte desse desaquecimento é explicado pela perda de rentabilidade das exportações, decorrente de quedas nos preços das *commodities*, e pela apreciação do real.

No que se refere à indústria gaúcha, a perspectiva atual também é de desaquecimento do seu ritmo de crescimento, uma vez que os focos dinâmicos inerentes à atividade industrial regional estão sendo alvo de perda de dinamicidade, contagiados pela perda de rentabilidade das exportações em razão do movimento de valorização cambial, por um lado, e pelo contexto de estagnação econômica que se instalou nos Estados Unidos, na União Européia e no Japão, acarretando retração de consumo interno, por outro.

Obviamente, alguns setores deverão continuar apresentando uma boa performance, como é o caso da indústria mecânica, alavancada pela produção de máquinas e implementos agrícolas, da indústria química e da de fumo. Dificuldades maiores deverão ser enfrentadas pelos segmentos industriais direcionados primordialmente para o mercado interno, cuja reativação dependerá de novas mudanças na política monetária restritiva vigente.

Referências

ABICALÇADOS. Estatísticas. Resenha Estatística — 2003. Disponível em: http://www.abicalcados.com.br/doc_resenha.php Acesso em: 14 jun. 2003.

BARROS, Guilherme. Bancos engolem a receita de empresas do setor produtivo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 10, 30 mar. 2003.

BNDES. Notícias. A retomada do desenvolvimento: diretrizes para a atuação do BNDES. 23 maio 2003. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/noticias/diretrizes.asp> Acesso em: 15 jun. 2003.

BNDES. Notícias. BNDES terá R\$ 800 milhões para o Moderfrota no primeiro semestre. 27 mar. 2003a. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/noticias/not589.asp> Acesso em: 22 jun. 2003a.

BOLETIM DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, v. 60, mar. 2003.

BORTOT, Ivanir José. Renda estagnada não vai reagir com queda do juro. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. A6, 23 jun. 2003.

CALANDRO, Maria Lucrécia; CAMPOS, Sílvia H. Desempenho da indústria em 2002: retomada lenta. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 133-162, mar. 2003.

CALÇADISTAS em compasso de espera. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 14, 09 jun. 2003.

CAMPOS, Silvia Horst. Indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2002: recuperação incerta. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 59-78, set. 2002.

CARTA DA ANFAVEA. São Paulo: ANFAVEA, n. 205, jun. 2003.

CERVEJAS: momento está favorável às cervejarias regionais. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 8, 20 jan. 2003. Empresas & Negócios.

FERNANDES, Fátima. Indústria reclama que matéria-prima já subiu até 80%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B6, 21 mar. 2003.

FUMAGEIRAS comemoram boas exportações. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 8, 23 maio 2003. Caderno Dia da Indústria.

INDICADORES DIESP. São Paulo: FUNDAP, v. 12, n. 93, dez./fev. 2003.

INDICADORES INDUSTRIAIS. Rio de Janeiro: CNI, v. 14, n. 4, abr. 2003.

MAIA NETO, Adalberto A. (Coord.). **Matriz de Insumo-Produto do Rio Grande do Sul 1998**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2002. (Documentos FEE, 49).

MÁQUINAS agrícolas: Brasil é base exportadora do setor. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 19, 23 maio 2003. Caderno Dia da Indústria.

NEUMANN, Denise. Receita do IPI sobre tratores cresce 390% com Moderfrota. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A3, 14 abr. 2003.

O IDI do quadrimestre é sustentado pelas exportações e agroindústria. **Informe Econômico**: de 09/6 a 16/6. Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 2003. Disponível em: <http://www/fiergs.org.br/noti35.htm> Acesso em: 17 jun. 2003.

OTONI, Luciana. Exportações quase compensam crise. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B2, 21 maio 2003.

PESQUISA industrial mensal: produção física Brasil. **Indicadores IBGE**, Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/indicadores/industria/pimpfbr/default.shtm> Acesso em: 8 jun. 2003.

PESQUISA industrial mensal: produção física regional. **Indicadores IBGE**, Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2003a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/default.shtm> Acesso em: 18 jun. 2003.

PETROQUÍMICA: indústria espera reverter prejuízos. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 7, 23 maio 2003. Caderno Dia da Indústria.

PIB do trimestre mostra resultado da política monetária restritiva. **Informe Econômico**: de 02/06 a 09/06. Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 2003. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti29.htm> Acesso em: 17 jun. 2003.

PRODUÇÃO física industrial: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2001/2003. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 18 jun. 2003.

RS é o segundo estado exportador: **Informe Econômico**: de 02/06 a 09/06. Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 2003. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti22.htm> Acesso em: 26 jun. 2003.

SAUERESSIG, Denise. Área com fumo deve aumentar 10%. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 10, 19 maio, 2003.

SAUERESSIG, Denise. Vendas de máquinas caem sem verba do Moderfrota. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 11, 17 fev. 2003a.

SINOPSE ECONÔMICA. Rio de Janeiro: BNDES, Área de Planejamento, n. 124, maio 2003.

SOUZA, Leonardo. Investimentos caem e apontam recessão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B6, 22 jun. 2003.

VINÍCOLAS projetam ano difícil. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 10, 14 abr. 2003. Empresas & Negócios.